

reportagem cultural

Dos bares de Porto Alegre ao estrelato nacional

Juarez Fonseca*

De 1986 a 1988, Adriana fez nove shows em Porto Alegre, sempre com direção de Luciano Alabarse. Em 1987 foi assistida por Rita Lee, que a convidou para fazer uma performance em seu show no Gigantinho. Durante a música *Miss Brasil 2000*, entra no palco com uma capa e a abre por segundos: estava nua. Apenas um fotógrafo captou a cena (foto nunca publicada). E ela foi alvo da crítica dos moralistas e caretas de sempre. “Quer aparecer”, diziam.

Nos shows, conviviam música, teatro, dança, quase sempre com participações de artistas da cidade, como Izabel Ibias, Zé Adão Barbosa, Renato Campão, Ivan Mattos, Eliane Steinmetz, Ricardo Severo, Valéria Venturini, o mano Cláudio Calcanhoto. Depois de assistir ao show *Outubro ou Nada*, em outubro de 1987, este repórter comentou: “Luciano Alabarse tem a sorte de ter Adriana para realizar ideias, e vice-versa”.

Ao fim de 1988, ano que se encerrou com o show *Batom*, novo comentário: “Adriana Calcanhoto está se tornando uma grande nova intérprete da música brasileira. Vai longe, não tenho dúvida, porque a estrada está escancarada e ela sabe. (...) Já há propostas para a gravação do disco, alguma sérias e outras grotescas, como a do produtor que a recebeu de cuecas no quarto de

um hotel em São Paulo”.

Suas primeiras experiências ‘externas’ aconteceram no Espaço Off e no Madame Satã, em São Paulo, estimuladas pela cantora Cida Moreyra. Mas a verdadeira (e definitiva) mudança de ares deu-se bem no início de 1989: mais uma nova fã, a atriz Maria Lúcia Dahl, abriu para ela as portas da casa noturna carioca *Mistura Up* para três apresentações, que, pelo sucesso, logo se transformariam em uma temporada.

Maria Lúcia convidou amigos ilustres, mobilizou a imprensa. No show, sempre com seu violão (cada vez melhor), Adriana dividia o palco com três músicos gaúchos que viviam no Rio, Gastão Villeroy, Xandy Santin e Kesso Fernandes. O *Jornal do Brasil* repercutiu, com uma elogiosa crítica. Título sobre a foto: “Talento à Pampa”. No mesmo jornal, Tárík de Souza também sublinharia a chegada forte de uma nova voz à MPB.

(Na chegada ao Rio Adriana tinha ainda o apoio de quem? Luciano Alabarse, fazendo a iluminação dos shows. Depois iriam cada um lado para o seu lado, mas nestes 40 anos nunca deixaram de comunicar-se. Entre outras coisas, foi ele o responsável pela estreia brasileira do espetáculo *Complexo B*, apresen-

tado como o epílogo do 32º *Porto Alegre em Cena*.)

Voltando um pouco à temporada no *Mistura Up*, outro texto deste repórter, em 11 de março, com o título de “Adriana e a conquista do Rio”, menciona as presenças de nomes como Betty Faria, Sandra de Sá, Eduardo Dusek, Marisa Monte, Nelson Motta e tantos mais, assim como olheiros das gravadoras, para assistir à “estranha gaúcha”. Ela nunca mais seria a mesma. Voltaria a Porto Alegre apenas para tratar da mudança.

Naquele ano de 1989, sairia em Porto Alegre, pelo selo *Brasil 2000*, o LP *Geração Pop*, com Pedro Guisso, Marcelo Truda, Duca

Leindecker, grupo *Canto Livre* e ela, que deixara duas faixas gravadas: *Suspeito* (Arrigo Barnabé) e *Viu?* (dela). Também assinaria contrato com a CBS (mais tarde Sony) para a produção do disco

Enguiço. Ali começaria a entrar de verdade no universo da MPB, a abrir o leque de interpretações pessoais de grandes nomes, lançaria duas canções suas.

(Naquele ano de 1989 também conheceria a cineasta Suzana de Moraes, filha de Vinícius – que seria sua companheira até à morte, em 2015.)

Mas se dependesse dos crí-

tics da revista *Veja*, do jornal *O Globo* e da *Folha de S. Paulo*, depois de ouvirem o disco, ela poderia voltar para Porto Alegre no primeiro voo, pois não tinha qualquer futuro como cantora. “Interpretação vocal histriônica, audição constrangedora, brega”, escreveu um. “Como cantora, é um desastre (...), o disco corre o risco de enguiçar nas prateleiras”, afirmou o outro.

E o terceiro (por coincidência gaúcho) acaba com ela já no título: “Calcanhoto profana memória de Elis Regina”. Expondo mau humor em todo o comentário, e insistindo na impropriedade comparação com Elis, o cara anota: “Pena que, ao contrário de Elis, não sabe cantar, tenha voz horrenda e padrinhos burros”. Um desses “padrinhos burros” era Luis Fernando Verissimo, autor de um texto no material de divulgação.

Quase 40 anos depois, seria interessante saber como tais críticos leriam seus prognósticos sobre uma artista que estava apenas começando, ante a dimensão adquirida pela cantora, compositora, poeta, grande nome da música brasileira, mestra e Embaixadora da Universidade de Coimbra.

A relação detalhada dos discos de Adriana (com parte de sua história) está na Wikipedia e em outros espaços na internet, onde todos podem ser ouvidos e se pode saber sobre os tantos parceiros e compositores gravados por ela, de Roberto Carlos a Caetano Veloso, de Dorival Caymmi a Amy Winehouse. Detalhe: no quarto disco, *Maritmo*, ela passa a usar Calcanhoto, com esses dois “t”. Também passa a escrever, nos encartes, todas as letras das músicas, com sua caligrafia perfeita. A mesma caligrafia que percorre o livro *Algumas Letras*, lançado em 2003 pela editora portuguesa Quasi.

Depois de 47 letras dela, o livro reúne textos de jornalistas e intelectuais portugueses e brasileiros, como Verissimo, Tárík de Souza e dois de seus parceiros musicais, Waly Salomão e Antônio Cícero. Antes, reproduz texto sobre ela mesma, publicado em 1996 na coluna *Auto-Retrato* do *Jornal do Brasil*. Começa assim: “Sou do Rio Grande. Não tenho medo de nada. Amo o Rio de Janeiro. Gente careta me esnoba...”



Longe de ser um fenômeno do passado, cantora gaúcha acumula números significativos nas plataformas digitais

